

Recebido em fev. 2011  
Aprovado em mai. 2011

*Kalagatos* - REVISTA DE FILOSOFIA. FORTALEZA, CE, v. 8 n. 15, INVERNO 2011

## **DESCARTES E O *PHYSICIEN* DAS PAIXÕES**

JULIANA DA SILVEIRA PINHEIRO \*

### **RESUMO**

Este texto aborda a teoria cartesiana das paixões na perspectiva do *physicien*, a qual traz à tona uma investigação sobre a gênese das paixões considerando a dimensão somática. Ela significa a tentativa de Descartes de compreender e descrever o funcionamento das paixões, de maneira a empreender um conhecimento preciso de sua etiologia.

### **PALAVRAS-CHAVE**

Descartes. Paixões. Corpo. Filosofia Natural. Psicologia.

### **ABSTRACT**

This text approaches the Cartesian theory of the passions from the point of view of the *physicien*, which brings up an inquiry into the genesis of the passions considering the somatic dimension. It means Descartes' attempt to understand and describe the workings of the passions, in order to undertake a detailed knowledge of its etiology.

### **KEY WORDS**

Descartes. Passions. Body. Natural Philosophy. Psychology.

---

\* Doutoranda em Filosofia pela UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS-UFMG, sob orientação da Dra. Telma de Souza Birchall.



“[...] Meu objetivo não foi explicar as paixões como um orador, nem mesmo como um filósofo moral, mas somente como um *physicien*.”<sup>1</sup> (DESCARTES. Tradução nossa. A.T., XI, 1996, p. 326), afirma Descartes na carta de 14 de agosto de 1649<sup>2</sup>. Essa era sua intenção ao investigar as paixões, acrescentando esta carta como prefácio às *Paixões da Alma*.

Mas o que significa ser um *physicien* das paixões? Este texto procura refletir sobre esta questão e apresentar, mesmo que resumidamente, a teoria cartesiana das paixões como um *physicien* a compreende.

Antes de tudo, é interessante notar que, em sua origem, o termo *physicien* significa aquele que estuda a *physis*. Considerando *physis* como “natureza”, o *physicien* era o filósofo da natureza. Para Descartes, em *O Mundo*, ela – a natureza – é identificada à matéria, tal como ela é criada, conservada e colocada em ordem por Deus.

Sabeis, portanto, primeiramente, que por Natureza eu não entendo aqui alguma deusa ou algum outro tipo de poder imaginário, mas me sirvo desta palavra para significar a Matéria mesma, enquanto a considero dotada de todas as qualidades que eu atribui a ela, incluindo todas conjuntamente, e sob a condição de que Deus continue a conservá-la da

<sup>1</sup> “Mon dessein n’a pas été d’expliquer les passions en orateur, ni même en philosophe moral, mais seulement en *physicien*” (DESCARTES, AT, XI, 1996, p. 326).

<sup>2</sup> Não se sabe ao certo a quem era destinada esta carta. Baillet desconfia de Clerselier; Charles Adam acredita que era uma resposta ao abade Picot.

mesma maneira que a criou.<sup>3</sup> (DESCARTES. Tradução nossa. AT XI, 1996, p.36-37).

Sendo a *physis* o objeto de estudo da física, o *physicien* seria mais propriamente o “físico”, e não um “psicólogo”, enquanto um “investigador da alma”, especialmente considerando a distinção cartesiana entre o domínio das coisas físicas e o domínio das coisas do espírito. O *physicien*, no sistema cartesiano, se ocupa do mundo físico, e não psíquico ou mental. No entanto, neste contexto, “físico” tem um sentido amplo. Como afirma Hatfield, a Física cartesiana compreende o estudo de toda a natureza física, isto é, dos corpos tomados num sentido geral, o que implica no estudo do corpo humano, enquanto é uma substância material. Desta forma, o organismo humano é uma parte deste estudo amplo, tanto que a “fisiologia”, como é entendida no século XVII, pode ser tomada em dois sentidos: como a teoria da natureza em geral e como a parte da medicina que explica a natureza do corpo humano, pela aplicação da teoria da natureza. No caso de Descartes, seu programa fisiológico é uma extensão da sua abordagem mecanicista da natureza. (HATFIELD, 1995, p. 338). Como nos lembramos da árvore do saber, apresentada por Descartes no prefácio da edição francesa dos *Princípios*, do tronco que

<sup>3</sup> “Sachez donc, premièrement, que par la Nature je n’entends point ici quelque Déesse, ou quelque autre sorte de puissance imaginaire, mais que je me sers de ce mot pour signifier la Matière même en tant que je la considère avec toutes les qualités que je lui ai attribuées comprises toutes ensemble, et sous cette condition que Dieu continue de la conserver en la même façon qu’il l’a créée.” (DESCARTES. AT XI, 1996, p. 36-37).

representa a física provêm um dos galhos que é a medicina. “Assim, toda a filosofia é como uma árvore, na qual as raízes são a metafísica, o tronco são as outras ciências, que se reduzem a três principais, a saber, a medicina, a mecânica e a moral.”<sup>4</sup> (DESCARTES. Tradução nossa, 1937, p. 428).

No que diz respeito a esse ponto de encontro da medicina com a física, também é interessante notar que, na antiguidade, no período pré-hipocrático, a medicina estava estreitamente conectada com a filosofia natural, sendo o médico uma espécie de *physicien*, na medida em que o conhecimento da *physis* refletia-se na concepção médica. Já na França, na Idade Média, médico se dizia ainda *physicien*, como atesta o francês antigo. Esta significação desapareceu do francês, que no século XVII passou a significar “físico”, mas ainda restou no inglês, onde *physicien*, ou melhor, “*physicist*” quer ainda dizer médico. (SOUQUES, 1936, p.13). No caso de Descartes, o termo “*physicien*” está estreitamente ligado ao “*médecin*”, afinal ele procurava investigar a gênese somática das paixões, e os conhecimentos de medicina são fundamentais para esse estudo, pois é ela que estuda a constituição do corpo e suas funções. Nesse sentido, a medicina pode ser considerada um apêndice da Física, na medida em que se fundamenta nos princípios gerais da física para explicar a anatomia e a fisiologia.

---

<sup>4</sup> “Ainsi toute la philosophie est comme un arbre, dont les racines sont la métaphysique, le tronc sont toutes les autres sciences, qui se réduisent à trois principales, à savoir la médecine, la mécanique et la morale.” (DESCARTES, 1937, p. 428).

Contudo, ainda que *médecin* tenha uma ligação estreita com o *physicien*, não foi enquanto médico que Descartes disse pretender estudar as paixões. Por que?

Primeiramente porque a investigação cartesiana das paixões não se basta com a fisiologia, pois as paixões enquanto tais, no contexto cartesiano, não se restringem ao corpo, mas à alma, e considerada a distinção entre substância pensante e substância extensa, o conhecimento de um não diz respeito ao outro. Por outro lado, nossa interpretação é a de que Descartes recorre ao termo “*physicien*”, e não “*médecin*”, no sentido de possuir uma conotação mais ampla do que são os corpos e, por consequência, do que é o corpo humano. Ou melhor, entendemos que “tratar as paixões *en physicien*” diz respeito mais a uma postura do que aos limites de um conhecimento específico. O sentido de ser um *physicien* das paixões deve menos significar o vasto campo de estudo de um físico cartesiano e mais a postura científica que o *physicien* tem diante do mundo, postura esta que exclui explicações sobrenaturais e restringe-se ao natural, compreendendo a matéria como exclusiva de forças e qualidades ocultas. E é isso o que Descartes pretendia: compreender e descrever o surgimento e o funcionamento das paixões, sem mistérios e sem recursos a nada externo à matéria, que é, segundo ele, mensurável e cujos movimentos obedecem a relações mecânicas. É na medida em que o “corpo” é o ponto de partida da filosofia natural cartesiana que cabe a postura do *physicien* na investigação das causas das paixões. Isso significa, como diz Gaukroger, que a teoria das paixões tem o mesmo fundamento que as duas outras ciências

básicas, a medicina e a mecânica, e que Descartes aspirava a um certo grau de certeza na explicação dos eventos passionais. (GAUKROGER, 1995, p. 400).

Além disso, tratar as paixões enquanto *physicien* significa diferenciar-se da compreensão de um orador ou de um moralista, abordagens comumente dadas a esse assunto pela tradição filosófica até o século XVII. A postura do *physicien* permite uma descrição e não uma prescrição moral do uso das paixões. Mais do que isso, isto significa, segundo Rodis-Lewis, que o ponto de partida para Descartes não é a moral, pois não se pode avaliar o uso das paixões a não ser que se conheça sua natureza primeiro. E isto, para ele, não se faz a não ser que se tenha conhecimento das faculdades da alma, da fisiologia do corpo humano e de como acontece a interação entre as funções do corpo e da alma. Sem este essencial e primordial conhecimento não se pode conhecer a natureza das paixões. (RODIS-LEWIS *apud* GAUKROGER, 1995, p. 400).

Em que consiste, portanto, a teoria das paixões conforme o *physicien* a compreende?

Significa investigar as paixões do ponto de vista do seu surgimento, funcionamento e sintomas, para lhe dar uma explicação do seu modo de ser. E Descartes reconhece às paixões uma causalidade estritamente somática. Isto é, mais do que indicar e explorar os efeitos ou sintomas das paixões no corpo, a postura do *physicien* está fundada na busca de uma etiologia inteiramente física das paixões.

Em geral, a tese somática das paixões é aquela que atribui ao corpo um papel determinante ou pelo

menos lhe confere a predisposição das emoções e sensações. E Descartes também foi um dos autores da tradição filosófica que defendeu a concepção de que a gênese das paixões está no corpo. Segundo ele, as paixões são percepções da alma causadas pelo movimento dos nervos e dos espíritos animais: “As paixões da alma são percepções, ou sentimentos, ou emoções da alma, que referimos particularmente a ela, e que são causadas, mantidas e fortalecidas por algum movimento dos espíritos.”<sup>5</sup> (DESCARTES. Tradução nossa, AT XI, 1996, p. 349).

Em geral, no processo de percepção sensível, o que acontece, segundo Descartes, é que nossos nervos são movidos pelo nosso próprio corpo (no caso dos apetites) ou por outros corpos (no caso das sensações), e transmitem esse movimento ao longo da cadeia de filetes nervosos até o cérebro, onde estão ligados, exatamente como um feixe de cordas, nas quais movendo uma de suas extremidades, o movimento se estende até a outra extremidade.

[...] Quando sinto dor no pé, a Física me ensina que esse sentimento se comunica por meio de nervos dispersos no pé, que se acham estendidos como cordas desde esse lugar até o cérebro, quando eles são puxados no pé, puxam também, ao mesmo tempo, o lugar do cérebro de onde provêm e onde chegam, e aí excitam certo movimento que foi instituído pela

---

<sup>5</sup> “Les passions de l’âme sont des perceptions, ou des sentiments, ou des émotions de l’âme, qu’on raporte particulièrement à elle et qui sont causées, entretenues et fortifiées par quelque mouvement des esprits.” (DESCARTES, AT XI, 1996, p. 349).



natureza para fazer sentir dor ao espírito, como se essa dor estivesse no pé.<sup>6</sup> (DESCARTES. Tradução nossa, 1937, p. 222).

Os nervos são constituídos de três partes: a medula, que são pequenos filetes que se estendem a partir do cérebro até a extremidade dos membros; a pele que a envolve e que forma um pequeno tubo onde ficam encerrados os pequenos filetes; e por fim, os espíritos animais<sup>7</sup>, que são partículas formadas das partes mais sutis do sangue aquecido pelo calor do coração<sup>8</sup> e que deixam impressões no cérebro.

<sup>6</sup> "[...] Quand je ressens de la douleur au pied, la physique m'apprend que ce sentiment se communique par le moyen des nerfs dispersés dans le pied, qui se trouvant étendus comme des cordes depuis là jusqu'au cerveau, lorsqu'ils sont tirés dans le pied, tirent aussi en même temps l'endroit du cerveau d'où ils viennent et auquel ils aboutissent, et y excitent un certain mouvement, que la nature a institué pour faire sentir de la douleur à l'esprit, comme si cette douleur était dans le pied." (DESCARTES, 1937, p. 222).

<sup>7</sup> Hoje em dia, certamente que não falamos mais em espíritos animais, mas em estímulos elétricos.

<sup>8</sup> "Toutes les plus vives et plus subtiles parties du sang, que la chaleur a rarefié dans le coeur, entrent sans cesse en grand quantité dans les cavitez du cerveau. Et la raison qui fait qu'elles y vont plutôt qu'en aucun autre lieu, est que tout le sang qui sort du coeur par la grande artère, prend son cours en ligne droite vers ce lieu là, et que, n'y pouvant pas tout entrer, à cause qu'il n'y a que des passages fort étroits, celles de ses parties qui sont les plus agitées et les plus subtiles y passent seules, pendant que le reste se respand en tous les autres endroits du corps. Or ces parties du sang très subtiles composent les esprits animaux. Et elles n'ont besoin à cet effect de recevoir aucun autre changement dans le cerveau, sinon qu'elles y sont separées des autres parties du sang moins subtiles." (DESCARTES, AT XI, 1996, p. 334-335).

[...] Os sons, os odores, os sabores, o calor, a dor, a fome, a sede e, em geral, todos os objetos, tanto dos nossos sentidos externos como dos nossos apetites internos, excitam também alguns movimentos em nossos nervos, que se transmitem por meio deles até o cérebro; e além de esses diversos movimentos do cérebro fazerem com que a alma tenha diversos sentimentos, podem também fazer, sem ela, que os espíritos sigam mais para certos músculos do que para outros, e, assim, que movam nossos membros.<sup>9</sup> (DESCARTES. Tradução nossa, AT XI, 1996, p. 338).

No cérebro, uma de suas partes tem uma função privilegiada e é para onde convergem os nervos: a glândula pineal. Esta, devido a sua grande mobilidade (já que é feita de matéria mole, conforme Descartes), recebe as impressões dos nervos, aos quais está ligada, com grande facilidade. Sendo a glândula pineal a sede da alma, conforme a compreensão cartesiana, as impressões são percebidas pela alma como sentimentos ou paixões. Ou seja, para cada impressão física deixada pelo movimento dos espíritos na glândula pineal, uma percepção será realizada pela alma. Assim, muito embora Descartes afirme que a alma encontre-se unida

---

<sup>9</sup> “[...] Les sons, les odeurs, les saveurs, la chaleur, la douleur, la faim, la soif et généralement tous les objets, tant de nos autres sens extérieurs, que de nos appetits intérieurs, excitent aussi quelque mouvement en nos nerfs, qui passe par leur moyen jusque au cerveau. Et outre que ces divers mouvements du cerveau font avoir à notre âme divers sentiments, ils peuvent aussi faire sans elle, que les esprits prennent leurs cours vers certains muscles, plutôt que vers d’autres, e ainsi qu’ils meuvent nos membres.” (DESCARTES, AT XI, 1996, p. 338).

a todo o corpo, a glândula pineal exerce o papel centralizador de informações advindas de diversos nervos, como um sistema nervoso central.

É necessário também saber que, embora a alma esteja unida a todo o corpo, não obstante haja nele alguma parte em que ela exerce suas funções mais particularmente do que em todas as outras; e crê-se comumente que esta parte é o cérebro, ou talvez o coração: o cérebro, porque é com ele que se relacionam os órgãos dos sentidos; e o coração, porque é nele que parece sentirem-se as paixões. Mas, examinando o caso com cuidado, parece-me ter reconhecido com evidência que a parte do corpo em que a alma exerce imediatamente suas funções não é de modo algum o coração, nem o cérebro todo, mas somente a mais interior de suas partes, que é certa glândula muito pequena, situada no meio de sua substância, e de tal modo suspensa por cima do conduto por onde os espíritos de suas cavidades anteriores mantêm comunicação com os da posterior, que os menores movimentos que nela existem podem contribuir muito para modificar o curso desses espíritos, e, reciprocamente, as menores modificações que sobrevêm ao curso do espíritos podem contribuir muito para alterar os movimentos dessa glândula.<sup>10</sup> (DESCARTES. Tradução nossa, AT XI, 1996, p. 351-352).

<sup>10</sup> “Il est besoin aussi de savoir que, bien que l’âme soit jointe à tout le corps, il y a néanmoins en lui quelque partie en laquelle elle exerce ses fonctions plus particulièrement qu’en toutes les autres. Et on croit que communément que cette partie est le cerveau, ou peut être le coeur : le cerveau, à cause que c’est à lui que se rapportent les organes des sens ; et le coeur, à cause que c’est comme en lui qu’on sent les **[CONTINUA]**”

As impressões recebidas são classificadas por Descartes conforme a origem que relacionamos. Assim, as que relacionamos com um objeto externo, como o fogo, o sino batendo, o gelo, são chamadas *sensações*. Destes exemplos temos o calor, o som e o frio, respectivamente. Já a impressões que relacionamos com nosso próprio corpo denominamos *apetites*. Por exemplo, dos nervos do estômago temos a fome, da garganta e boca, a sede. Por fim, existem as impressões que relacionamos com a alma, mas que são também causadas pelo corpo e que são chamadas emoções, como a alegria, a tristeza, o amor, que falaremos a seguir.

O importante a destacar é que Descartes propõe uma explicação básica que concerne a movimentação ou excitação dos nervos e dos espíritos animais que por aí passam, decorrente de uma ação do corpo ou de um objeto físico, a posterior movimentação da glândula pineal e impressões deixadas nela pelos espíritos animais e pela percepção da alma que tem sede neste local. Basicamente, o processo de geração da paixão

---

**[CONTINUAÇÃO DA NOTA 10]** passions. Mais, en examinant la chose avec soin, il me semble avoir évidemment reconnu que la partie du corps en laquelle l'âme exerce immédiatement ses fonctions n'est nullement le coeur, ni aussi tout le cerveau, mais seulement la plus intérieure de ses parties, qui est une certaine glande fort petite, située dans le milieu de sa substance, et tellement suspendue au-dessus du conduit par lequel les esprits de ses cavités antérieures ont communication avec ceux de la postérieure, que les moindres mouvements qui sont en elle peuvent beaucoup pour changer le cours de ces esprits, et réciproquement que les moindres changements qui arrivent au cours des esprits peuvent beaucoup pour changer les mouvements de cette glande." (DESCARTES, AT XI, 1996, p.351-352).

segue este percurso: do corpo para a alma, o que salienta um caráter de passividade do espírito. Neste sentido, o corpo age e a alma sofre uma paixão.

Desta forma, de acordo com a doutrina cartesiana, o corpo não apenas manifesta efeitos do que se passa na alma, mas principalmente *causa* paixões. Descartes fala, entretanto, de duas causas: a causa última e mais próxima (*leur dernière et plus prochaine cause*) e a causa primeira (*première cause*). Mesmo os sentimentos, que a doutrina cartesiana denomina “paixões da alma”, tem como causa próxima os espíritos animais. Descartes afirma, na segunda parte do *Tratado das Paixões*: “Sabemos que a última e mais próxima causa das paixões da alma não é outra a não ser a agitação, da qual os espíritos movem a pequena glândula que está no meio do cérebro.”<sup>11</sup> (DESCARTES. Tradução nossa, AT XI, 1996, p.371). Também sua causa primeira é atribuída a algo físico: objetos que movem nossos sentidos.

Parece, entretanto, pelo que foi dito, que todas podem também ser excitadas pelos objetos que movem os sentidos e que estes objetos são suas causas mais ordinárias e principais: donde segue que para encontrá-las, basta considerar todos os efeitos destes objetos.<sup>12</sup> (DESCARTES. Tradução nossa, AT XI, 1996, p. 372).

<sup>11</sup> “On connait que la dernière et plus prochaine cause des passions de l’âme n’est autre que l’agitation, dont les esprits meuvent la petite glande qui est au milieu de cerveau.” (DESCARTES, AT XI, 1996, p. 371).

<sup>12</sup> “Il paroisse néanmoins par ce qui a été dit, que toutes les mêmes peuvent aussi être excitées par des objets qui meuvent les sens et que ces objets sont leurs causes plus ordinaires et principales : d’où il suit que pour les trouver toutes, il suffit de considérer tous les effets de ces objets.” (DESCARTES, AT XI, 1996, p. 372).

Assim, temos tantas paixões, quantas diferentes maneiras nossos sentidos são movidos pelos objetos.

Mas é importante notar que, para esta doutrina, os objetos não despertam em nós certas paixões pela diversidade que contem neles mesmos, mas pelas diversas maneiras com que podem nos prejudicar ou nos proporcionar algum bem, isto é, de acordo com a importância que podem representar para a alma. Dito de outra forma, é pela consideração que a alma faz dos objetos que nos cercam quanto ao bem ou mal que podem nos causar, que as coisas ou situações podem nos suscitar paixões na alma. Afirma Descartes: “Noto que os objetos que movem os sentidos não excitam em nós diversas paixões em razão das diversidades que estão neles, mas somente em razão das diversas maneiras que eles podem ser nocivos ou benéficos, ou em geral, nos ser importantes.”<sup>13</sup> (DESCARTES. Tradução nossa, AT XI, 1996, p.372). Por exemplo, quando uma coisa nos é representada como boa, ela nos faz sentir amor. É dessa forma que, afirma Descartes, é “da consideração do bem e do mal que nascem todas as outras paixões”. (AT XI, 1996, p. 374).

Isto nos leva a pensar que não é uma afecção física que provoca a paixão, mas uma avaliação intelectual sobre os objetos. Porém, Descartes insiste em mostrar como as paixões são fisicamente implicadas

---

<sup>13</sup> “Je remarque, outre cela, que les objets qui meuvent les sens, n’excitent pas en nous diverses passions à raison de toutes les diversités qui sont en eux, mais seulement à raison des diverses façons qu’ils nous peuvent nuire ou profiter, ou bien en général être importants”. (DESCARTES. AT XI, 1996, p. 372).

pelo movimento corpóreo. No caso da admiração, por exemplo, a primeira das paixões segundo a doutrina cartesiana, que consiste em “uma súbita surpresa da alma, que faz com que ela se coloque a considerar com atenção os objetos que lhe parecem raros e extraordinários”<sup>14</sup> (DESCARTES. Tradução nossa, AT XI, 1996, p. 380), sua causa é atribuída a um movimento *novo no cérebro*, que o faz ser percebido com surpresa.

Ela [a admiração] é causada primeiramente pela impressão que temos no cérebro, que representa o objeto como raro e conseqüentemente digno de ser fortemente considerado. Em seguida, pelo movimento dos espíritos, que foram dispostos por esta impressão a tender com grande força em direção ao local do cérebro onde ela se encontra, para aí o fortificar e conservar. É certo também que os objetos dos sentidos que são novos afetam o cérebro em certas partes, que não costumam ser afetadas, e sendo estas partes mais tenras, ou menos firmes que aquelas endurecidas por uma agitação frequente, isso aumenta o efeito dos movimentos que esses objetos aí provocam.<sup>15</sup> (DESCARTES. Tradução nossa, AT XI, 1996, p. 380 e 382).

<sup>14</sup> “[...] Une subite surprise de l’âme, qui fait qu’elle se porte à considerer avec attention les objets qui lui semblent rares et extraordinaires” (DESCARTES, AT XI, 1996, p. 380).

<sup>15</sup> “Elle [l’admiration] est causée premièrement par l’impression qu’on a dans le cerveau, qui represente l’objet comme rare et par conséquent digne d’être fort considéré ; puis ensuite par le mouvement des esprits, qui sont disposés par cette impression à tendre avec grande force vers l’endroit du cerveau où elle est, pour l’y fortifier et conserver. [...] Il est certain aussi que les objets des sens qui sont nouveaux, touchent le cerveau en certaines parties auxquelles il n’a point **[CONTINUA]**”

Por outro lado, a admiração parece não ser exatamente um reflexo imediato no espírito, mas uma percepção evocada pelo julgamento ou consideração de uma impressão nova na glândula pineal. Neste caso, entre o sentimento ele mesmo e a impressão física, haveria uma *consideração*, o que faz desse tipo de paixão diferente das sensações e apetites, os quais não são mediados por nenhuma representação. Estes últimos são percepções diretas na alma de movimentos nervosos. Vejamos outros exemplos: o amor e o ódio que também são causados pelo movimento dos espíritos, no caso do amor que “incita a alma a se unir aos objetos que lhe parecem ser convenientes”<sup>16</sup> (DESCARTES. Tradução nossa, AT XI, 1996, p. 387) e, no caso do ódio, “causado pelos espíritos que incitam a alma à querer estar separada dos objetos que se apresentam a ela como nocivos”<sup>17</sup> (DESCARTES. Tradução nossa, AT XI, 1996, p.387). Ao mesmo tempo em que aparece a ação dos espíritos animais, também é preciso reconhecer a consideração do que é conveniente ou nocivo para a alma. “A tristeza é um

---

**[CONTINUAÇÃO DA NOTA 15]** coutume d’être touché et que ces parties étant plus tendres, ou moins fermes, que celles qu’une agitation fréquente a endurcies, cela augmente l’effet des mouvements qu’ils y excitent.” (DESCARTES, AT XI, 1996, p. 380 e 382).

<sup>16</sup> “L’amour est une emotion de l’âme, causée par le mouvement des esprits, qui l’incite à se joindre de volonté aux objets qui paroissent lui être convenables.”(DESCARTES, AT XI, 1996, p. 387).

<sup>17</sup> “La haine est une emotion, causée par les esprits, qui incite l’âme à vouloir être séparée des objets qui se presentent à elle comme nuisibles.”(DESCARTES, AT XI, 1996, p. 387).



langor desagradável no qual consiste a incomodidade que a alma recebe do mal, ou do efeito que as impressões do cérebro lhe representam como lhe pertencendo.”<sup>18</sup> (DESCARTES. Tradução nossa, AT XI, 1996, p. 397). “A alegria provém da opinião de se possuir algum bem e a tristeza da opinião que se tem de possuir algum mal ou defeito”<sup>19</sup> (DESCARTES. Tradução nossa, AT XI, 1996, p. 398).

Em alguns casos, o movimento dos espíritos animais causa pela primeira vez uma paixão; noutros casos, eles reforçam uma paixão já sentida, ao configurarem uma impressão já ocorrida. Por exemplo, como explica Descartes acerca da alegria:

Na alegria não são tantos os nervos do baço, do fígado, do estômago ou dos intestinos que atuam, mas os que existem em todo o resto do corpo, e particularmente aquele que fica em torno dos orifícios do coração, o qual, abrindo e alargando tais orifícios, permite ao sangue, que é expulso pelos outros nervos das veias para o coração, entrar e sair em maior quantidade que de costume; e como o sangue que então penetra no coração já passou e repassou aí muitas vezes, vindo das artérias para as veias, ele se dilata mui facilmente e produz espíritos cujas partes, sendo muito iguais e sutis, são próprias para formar

---

<sup>18</sup> “La tristesse est une langueur désagréable, en laquelle consiste l’incommodité que l’âme reçoit du mal, ou du défaut, que les impressions du cerveau lui représentent comme lui appartenant.” (DESCARTES, AT XI, 1996, p. 397).

<sup>19</sup> “La joie vient de l’opinion qu’on a de posséder quelque bien” e a tristeza “de l’opinion qu’on a d’avoir quelque mal ou quelque défaut”. (DESCARTES, AT XI, 1996, p. 398).

e fortalecer as impressões do cérebro que dão à alma pensamentos alegres e tranquilos.<sup>20</sup> (DESCARTES. Tradução nossa, AT XI, 1996, p. 405-406).

Mas a primeira paixão é desencadeada por um movimento corpóreo ou por uma consideração sobre o objeto? Para Descartes, antes da alma fazer qualquer consideração sobre o objeto, temos uma impressão desse objeto, e isto é realizado no cérebro, mais propriamente na glândula pineal. Desta forma, temos primeiramente uma *impressão física*, depois uma *representação* mental, depois uma *consideração* dessa representação e posteriormente um *sentimento*. Por exemplo, no caso da admiração, temos uma impressão no cérebro que representa o objeto como raro e pela qual a alma tem uma súbita surpresa. Isto significa que, segundo Descartes, quando dizemos que um objeto causa uma paixão, existe sempre o intermédio do corpo entre o sentimento e o objeto mesmo.

A proposta do *physicien* precisa, então, ser melhor esclarecida. Primeiramente, a paixão, seja ela uma

---

<sup>20</sup>“En la joie ce ne sont pas tant les nerfs de la rate, du foie, de l'estomac, ou des intestins, qui agissent, que ceux qui sont en tous les reste du corps ; et particulièrement celui qui est autour des orifices du coeur, lequel ouvrant et élargissant ces orifices, donne moyen au sang, que les autres nerfs chassent des veines vers le coeur, d'y entrer et d'en sortir en plus grande quantité que de coutume. Et parce que le sang qui entre alors dans le coeur y a déjà passé et repassé plusieurs fois, étant venu des arteries dans les veines, il se dilate fort aisément et produit des esprits, dont les parties étant fort égales et subtiles, elles sont propres à former et fortifier les impressions du cerveau, qui donnent à l'âme des pensées gaies et tranquilles.” (DESCARTES, AT XI, 1996, p. 405-406).

sensação, um apetite ou uma emoção não é um mero desencadeamento fisiológico. Ela consiste na percepção dessa ação do corpo sobre a alma, na consciência das impressões sofridas na glândula pineal. A paixão é, em si mesma, uma percepção, e não um movimento físico. Mas, de fato, o *physicien* se ocupa das causas das paixões, e não das paixões elas mesmas. E o que Descartes apresenta é uma etiologia somática para elas, mesmo que existam juízos, isto é, pensamentos incorporados no seu processo de desencadeamento. Salvo algumas exceções (já que é possível pensar em emoções totalmente intelectuais, como o amor a Deus, que não envolve nenhum elemento físico), a maioria das paixões é desencadeada pela intervenção do corpo. Nossas paixões, na sua grande maioria, possuem um registro corporal, não apenas em seus efeitos, mas principalmente em suas causas. Antes mesmo de qualquer consideração ou deliberação sobre o objeto, ocorre um registro somático, na medida em que provém de uma percepção sensível. É este somatismo que o *physicien* apresenta e deseja desvendar.

O somatismo das paixões não se trata, portanto, no caso cartesiano de um “naturalismo” das emoções, se entendemos “naturalismo” como a compreensão de que nada existe para além do mundo natural, o que geralmente implica numa visão materialista das coisas. Seu somatismo é apenas uma parte de sua teoria que coaduna fisiologia com psicologia e metafísica, sempre lembrando que as percepções sensíveis em si mesmas, no contexto cartesiano, não são físicas, mas imateriais. Para Descartes, a etiologia somática, ou a investigação

das paixões *en physicien*, constitui uma parte da explicação dos eventos passionais. Certamente que o que Descartes queria não era reduzir os sentimentos e emoções ao âmbito e à linguagem fisicalista, pois para ele todos os nossos pensamentos, o que inclui as paixões, são irreduzíveis aos próprios elementos físicos que as causam, como os nervos e os espíritos animais. Ele sabia claramente que dar uma explicação sobre as paixões não se bastava na investigação do cérebro, mas que esta era uma parte constituinte da explicação do seu surgimento.

Portanto, a tese somática das paixões não gera um determinismo físico de nossas emoções. Embora o corpo tenha um papel fundamental no desencadeamento das paixões, a alma tem algum poder sobre elas, na medida em que podemos evocar alguma representação que possa abrandar ou fortalecer nossas paixões. Quando, por exemplo, temos medo de alguma coisa, o medo inicialmente não fora despertado pela alma, mas por algo externo a ela. No entanto, podemos excitar a paixão da coragem, para que possamos enfrentar a situação que nos causa medo, através da consideração das razões que podem nos convencer de que o perigo não é grande. É por esse meio que a razão pode exercer um controle sobre as paixões, não no sentido de poder evitá-las em seu surgimento, mas na medida em que pode oferecer um remédio contra seus excessos. E por este mesmo motivo é possível que nossos pensamentos ajam sobre as paixões, não modificando a disposição orgânica, portanto não impedindo de sentir determinada paixão, mas despertando outra emoção que pudesse agir

sobre o estado da alma, de modo que pudesse abrandar a força de uma paixão que não desejamos ser conduzidos por ela. A ação da vontade se dá não diretamente sobre o corpo, mas sobre o espírito, enquanto a paixão tem lugar na alma. Deste modo, podemos dizer que, embora haja um somatismo das paixões, implicando mesmo suas causas, não há no fim das contas um determinismo físico-emocional.

E como podemos falar de causalidade sem determinismo? A causalidade está na relação entre a disposição corporal e a percepção apresentada à alma. Neste momento, podemos mesmo dizer que há de fato uma predisposição somática do que sentimos. Por outro lado, há sempre a possibilidade, segundo Descartes, de agir sobre as paixões. Isso significa que, ainda que não possamos evitar sentirmos algo, podemos sempre, conforme ele, conduzir nosso comportamento pela razão. Há causalidade entre o corpo e a alma, mas a ação da vontade pode oferecer um controle do que em princípio parecia estar determinado, o que nos permite assumir responsabilidade sobre nossa conduta.

O que o *physicien* das paixões tem a tarefa de fazer é, como um cientista, encontrar as regularidades na etiologia de nossas sensações e emoções no mundo natural, e não sobrenatural, de maneira a empreender um conhecimento preciso da origem das paixões. E este embasamento científico, Descartes apresenta conforme o modelo da nova ciência de sua época, pela qual ele enquadra a visão organicista das paixões nos parâmetros mecanicistas dos quais partilhava, dando-lhes uma explicação causal de seu surgimento e

procurando elucidar seus mistérios e obscurecimentos. Não obstante seja preciso sempre reconhecer à teoria cartesiana das paixões seus fundamentos metafísicos dualistas, pelos quais a paixão, em si mesma, não pertence à dimensão corporal, pois é sentida na alma, é de fundamental importância também reconhecer a orientação do *physicien*, pela qual se rege o projeto cartesiano de uma teoria das paixões, que combina o dualismo substancial do corpo e alma, sem negar causas orgânicas às paixões. É esta postura e explicação do *physicien* que propõe compreendê-las, não no sentido de reduzi-las a fisiologia, mas na tentativa de oferecer-lhes um método racional, que no espírito de um cientista pudesse encontrar regularidades dos processos psicológicos e fazer do estudo das paixões uma ciência que se insere no ramo natural.



#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

DESCARTES, René. ***Oeuvres de Descartes***. In: ADAM et TANNERY. 11 vol. Paris: Vrin-C.N.R.S., 1996.

DESCARTES, René. ***Oeuvres et lettres de Descartes***. In: BRIDOUX, André. (présentation). Paris: Gallimard, La Pléiade, 1937.

GAUKROGER, Stephen. ***Descartes: an Intellectual Biography Intellectual***. New York: Oxford University Press, 1995.

HATFIELD, Gary. Descartes physiology and psychology. In: COTTINGHAM, J. (editor) ***The Cambridge Companion to Descartes***. New York: Cambridge University Press, 1992, p.335-370.

SOUQUES, Alexandre. ***Étapes de la neurologie dans l'Antiquité grecque***. Paris: Masson et Companie, 1936.

